

O TIRO CIVIL

Orgão da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes

Publicações

Anuncios, cada linha, typo commum	20 réis
Comunicados	60 "
Reclamos	100 "
Artigos	200 "

LISBOA

Quinta feira 18 de abril de 1895

Assignaturas

Lisboa, série de 12 numeros.....	300 réis
Provincias, série de 24 numeros.....	600 "
Numero avulso	50 "
Paizes da união postal, 24 numeros..	15000 "

RESUMO

As collectividades, pelo Visconde de Ouguela — Os concursos de gymnastica na escola pratica de infantaria e a instrucção de tiro ao esquadro de cavallaria, por F. G. — Pensando em caça, por Baptista de Sá — Tiro das armas portateis, por Viriato — Carreira de tiro — Concurso federal de tiro em 1895, tradução de Jeronymo Rollo — Anuncios.

AS COLLECTIVIDADES

CONSIDERADAS como organismos teem as sociedades qualidades que lhes são inherentes, independentemente das propriedades que cabem a cada um dos individuos que compõe essas collectividades. A agglomeração de muitas entidades aumenta e simplifica a divisão do trabalho, por forma que cada individuo é como que uma pequena roda dentada na engrenagem do complicado machismo que constitue um povo, uma nação, um estado.

Representam, pois, as sociedades a somma das propriedades que pertencem a cada uma das individualidades de que ellas se compõem, e mais todas aquellas que lhes são peculiares pelo facto da sua propria existencia.

Quaesquer que sejam os individuos de que se compõe uma aggregação, por mais semelhantes ou desiguaes que se manifestem o seu genero de vida, as suas occupaçoens, o seu caracter ou a sua intelligencia, pelo facto só de se acharem reunidos, possuem como que uma alma collectiva, que os obriga a sentir, a pensar e a obrar de maneira differente de o fariam se cada um d'elles sentisse, pensasse e obrasse isoladamente. Ha idéas, sentimentos que não irrompem ou não se transformam em actos se não no seio das multidões. A multidão, escreve um psychologista moderno, é um ser provisório formado de elementos heterogeneos que por um instante se ligaram, do mesmo modo como as células que constituem um corpo vivo, formam pela sua reunião um ser que apresenta caracteres diversos d'aquelles que cada uma das células possui. Nesta hypothese, pois, ha combinação e criação de novos caracteres, assim como na chimica certos elementos postos em presença, por exemplo bases e acidos, combinam-se para formar um novo corpo, cujas propriedades são differentes das que possuam os corpos com que este se constituiu. O que dizemos das multidões, dá-se com propriedades menos instaveis na organização das collectividades existentes.

Na marcha evolutiva, porém, de tudo o que existe no cosmos, todas as funcções, todas as energias, todas as actividades, sejam de que ordem forem os phenomenos a que derem causa, obedecem ás mesmas leis geraes, e teem por isso os seus períodos de desenvolvimento, de estabilidade e de declinação ou decadencia. Podem estes estadios ser mais ou menos demorados, mais ou menos intensos, mais ou menos progressivos, no entanto, o que é fatal e inadiavel é a transformação de todos esses phenomenos e a sua substituição em um momento dado por novas e mais opportunas energias.

Sujeitas estam a esta lei as sociedades, assim como todos os outros organismos, e por essa causa na dependencia de varias phasas da evolução a que não podem ser extranhas.

O meio em que exercem a sua actividade os diversos grupos ethnics, tem uma acção preponderante nos phenomenos sociaes. Usos e costumes inveterados e repetidos por successivas gerações, sem solução de continuidade, imprimem nos organismos esses moldes hereditarios, e que como acções reflexas actuam depois inconscientemente. São habitos adquiridos, e que por hereditariade representam o patrimo-

nio legado pelos ascendentes que se finaram. E como em cada uma das individualidades, que constitue um povo, se dá em maior ou menor escala esta influencia mesologica, necessariamente a collectividade reproduzirá essa tendencia ou adaptação para uma orientação determinada, por isso que essa orientação ha-de ser a resultante das disposições mais accentuadas da familia que representa.

A situação topographica de um povo é dos mais valiosos factores na larga historia de todas as civilizações. O local onde uma horda ou uma tribu assentou os seus arraiaes ou se acampou, foi muitas vezes o embrião de uma futura e poderosa nacionalidade. O clima e a situação, quer orographica, quer nas orlas do oceano, determinaram-lhe a vocação e indicaram-lhe qual a vereda que tinha a percorrer com a sua actividade.

As colonizações hellenica e semitica na peninsula hispanica deram-nos, como povo occupando um vasto littoral, habitos de navegação e trato maritimo, que se conservaram durante a dominação romana. Não se perderam com a invasão dos barbaros estas tradições, e mais se avivaram com a conquista sarracena, e por todo o tempo em que as hostes musulmanas occuparam o extremo Occidente.

A educação guerreira, em variadas luctas, veiu sempre acompanhando os povos peninsulares, e tão proficias e salutare foram as lições recebidas, que, depois dos feitos gloriosos praticados nas guerras com Castella, no tempo de D. João I, achavam-se os portuguezes, como navegadores e soldados, promptos e lestoos para as mais arrojadas empresas e temerarios commettimentos.

De feito, tratava-se de devassar mares desconhecidos, arrostar com climas inhospitos e subjugar gentes extranhas em regiões remotas, e sem meios facéis de grangear recursos nem de obter reforços. Tudo se conseguiu a despeito de perigos innumerados, na carencia dos mais modestos confortos que acompanham as expedições modernas, e na ausencia de todos os auxilios que as sciencias hoje nos ensinam e permitem realizar.

Os gloriosos empreendimentos de então, comparados com o desalento e desesperança actuaes teem levado alguns contemporaneos nossos a conjecturar, que este povo desempenhou o papel que lhe estava destinado na linha da evolução, e que só lhe resta agora envolver-se no sudario onde se occultam as nacionalidades que se extinguem.

Estará effectivamente terminada a nossa missão historica? Teremos de repetir o brado que soltava o gladiador romano ao perpassar junto da tribuna do cesar, na arena onde ia perecer?

Se pela nossa missão historica se comprehendem as maravilhas, os deslumbraamentos, os fulgores que irradiaram das nossas descobertas e das nossas conquistas; se pela nossa missão historica se entende esse admiravel poema que traçamos com assignalados feitos por meio de nações diversas, de certo em esse sentido restricto e só em esse, a nossa onusta tarefa está terminada. Ha só uma lliada, uma só Eneida, e só uns Lusíadas. Nunca um povo com as façanhas proprias escreveu duas epopéas. Mas aos que se apossam avida e injustamente das regiões onde fomos conquistadores e dominadores tambem, poderíamos sem rebuço nem aleviosia repetir a phrase azeda mas enesajada do conde de Avranches ao cahir desangrado nos campos de Alfarrobeira.

Creámos uma nova phase de civilização para a Europa, mas nem por isso arriscámos a nossa existencia entre a familia latina. A Asia, a America e a Oceania não eram, por certo, a chrysalida em que teria de se operar a transformação da nossa nacionalidade.

Não são desconhecidas as causas que prepararam a nossa decadencia desde o meado do seculo XVI, mas a enervação e abatimento que de esses factos promanaram não podem ser considerados como um retrocesso, por isso que se não somos dos primeiros a caminhar pela senda

da civilização moderna, não somos, na verdade, dos ultimos a percorrel-a. Demais, um povo que resiste á depressão de tres seculos, e a cada hora procura rejuvenescer, não tem ainda os seus dias contados. A França depois de inenarraveis desastres que terminaram nas angustias de Sedan, ergueu-se mais vigorosa do que nunca, e rivaliza hoje com as primeiras potencias coloniaes. Temos alli o exemplo e a lição.

Não era possivel que um pequeno povo, installado em um estreito rincão do extremo Occidente, podesse continuar durante seculos a avassallar e dominar vastissimas regiões nos mais longinquos pontos do globo. Tivemos por largo espaço o sceptro dos mares, monopolizámos o commercio dos dois hemispherios, escrevemos a pagina mais brilhante da historia ao encerrarem-se os esplendorosos successos da Renascença, e mostrámos ás nações mais cultas o que eramos como homens de sciencia, como navegadores, como guerreiros e como commerciantes.

Era evidente que esta nossa missão estava concluida, e a decadencia que se lhe seguiu era o complemento da lei evolutiva. Mas nem por isso diminuíram os nossos deveres como nacionalidade, nem perdemos o nosso lugar entre as nações cultas. Só a nossa situação geographica, além de tantos outros factores, é motivo ponderoso para que sejamos soberbamente considerados por extranhos, e na desenvolução de futuros successos poderemos ainda mostrar que as nossas tradições não estão olvidadas.

As nações, assim como os individuos, teem períodos de desanimo, horas de enervamento e de desconso, e o que em esses momentos historicos toma a apparencia de uma irremediavel prostração, é as mais das vezes uma concentração de forças, uma restauração do organismo que as torna aptas para novos commettimentos.

Os povos educam-se com mais proveito em varonis e rijas provações, que temperam o animo e avivam a energia dos seus intentos. A adversidade é a mais salutar, a mais util e a mais vivificante de todas as escholas.

Visconde de Ouguela.

Os concursos de gymnastica na escola pratica de infantaria e a instrucção de tiro ao esquadro de cavallaria.

COM a assistencia de S. M. El-Rei, ministro da guerra, commandante geral da arma de infantaria, e de todos os officiaes, em serviço n'esta escola, realizaram-se no dia 4 do corrente, os concursos de gymnastica, para remate do 1.º periodo de instrucção do presente anno.

Não obstante a rigorosa estação do inverno, que, por falta de um gymnasio coberto, não permittiu dar á instrucção todo o desenvolvimento e regularidade, que aliaz é sempre costume observar-se, todas as praças, apresentadas em concurso, executaram os variados exercicios do programma muito correctamente, e com a perfeição, agilidade e dextreza, compativel com o limitado espaço de tempo, de 5 mezes, destinado a cada periodo de instrucção.

Os trabalhos executados foram os seguintes: exercicios livres e com arma; saltos livres em largura, altura e mixtos; exercicios nas parallelas, argolas e

barras fixas; saltos na viga, e bancos; luta de tracção; escalada á prancha de ranhuras, com armamento e equipamento, e escalada aos mastros verticaes; passagem a pés e mãos, por corda horizontal, na extensão de 16^m,5; cargas de bayoneta e passagem do portico em pé.

Deixaram de se executar alguns exercicios, incluídos no programma, e outros, que deveriam realisar-se na pista de obstaculos, em virtude das más condições, em que se achava o terreno, empastado pelas successivas chuvas dos dias antecedentes.

Todos os instructores foram muito justa e merecidamente elogiados, pelo digno commandante da escola, no acto da distribuição dos premios, e em ordem escolar, por determinação de S. M. El-Rei. Especialmente cabem os maiores louvores ao director da instrucção, o sr. alferes Feliciano do Nascimento Pinto, pelo seu reconhecido zelo e dedicação ao serviço, que não lhe consentiu, apesar do seu melindroso estado de saúde, deixar de ir desempenhar o seu lugar.

* *

El-Rei passou no mesmo dia revista ao esquadrão de cavallaria, expedicionário a Lourenço Marques, o qual desfilou brilhantemente, perante S. M., e o seu estado maior, que em seguida retirou para Lisboa.

Não se realizou, pois, como se esperava o concurso de tiro, entre as praças d'este esquadrão, que ha 2 mezes está em Mafra, para receber a instrucção de tiro, na carreira da escola.

A demora havida na recepção das carabinas, destinadas a esta força; o mau tempo; os exercicios proprios da arma, e outras causas de serviço, que por vezes interromperam a instrucção do tiro, e obstarão á precisa regularidade no seu seguimento; e muito especialmente a falta de uma preparação rigorosa, que o tempo não comportava; e o absoluto desconhecimento, que a maioria das praças do esquadrão tinham do uso de uma qualquer arma de fogo, impediram que a instrucção tivesse toda a proficuidade, que era para desejar, nas especiaes condições em que se encontra esta força, sendo os resultados obtidos, bastante irregulares, e pouco lisongeiros.

Todavia força é reconhecer, que nem só as estas causas se devem attribuir as percentagens relativamente inferiores, por ella obtidas, mas também á grande dispersão, que a carabina apresenta, com relação á espingarda do mesmo modelo.

Os poucos dias que ainda restavam, para a instrucção d'esta força permittiram a continuação dos exercicios, tendo no fim cada praça disparado proxima-mente 200 tiros, e feito alguns exercicios sobre correcção de pontarias; o tiro de ensaio e regularisação de desvios; o tiro elemental até 500^m e em todas as posições; o tiro de repetição a 100^m e 200^m; e o tiro de combate individual e colectivo, executando todas as especies de tiro.

N'estas condições é de esperar que a pouca instrucção adquirida, se bem que imperfeita, lhe fosse ainda muito util, se por infelicidade nossa tiver de entrar em campanha, e de fazer uso das suas armas, em defesa da patria.

O esquadrão teve que recolher a Lisboa no dia 11, e os officiaes e aspirantes do quadro permanente, e do pessoal auxiliar e eventual da escola, desejando fazer uma manifestação de agrado aos seus

camaradas expedicionarios, resolveram offerecer-lhes um jantar, que se realiso no dia 9; e acompanharam a força até á estação, apresentando-lhe as suas despedidas, e fazendo os mais ardentes votos, porque a nova expedição possa levantar completamente o prestigio das nossas armas, á altura das nossas mais gloriosas tradições, honrando-se a si, ao exercito e ao paiz.

F. G.

PENSANDO EM CAÇA

Agora que estamos ás voltas com o *desfeso* e não podemos, por isso, sobraçar em digressos venatorios ás nossas armas de caça, fallemos ao menos d'ellas um bocado; não para fazermos a sua historia minuciosa, completa, que não possuímos recursos para tanto, mas sim para nos recordarmos d'ellas, que não vão acoimar-nos de ingratos.

Comecemos pelas mais velhas, pelas mais antigas, para que nenhuma se queixe de ter sido posta de parte; principiaremos pelo arco, por ser, provavelmente, a primeira de que fizeram uso os caçadores, visto que foi o arco a arma que primeiramente se prestou aos exercicios da caça.

O arco foi uma arma de extraordinaria força e precisão, e alcançava longitudes assombrosas, havendo quem com elle mandasse as flechas a perto de 600 metros de distancia.

Foi com o arco que Henrique 8.^o tão grande caçador como protector de caça, fez prodigios de destresa e precisão tão extraordinarios, que era necessario vê-los para se poderem acreditar. Era cousa facil para elle, meter no centro do alvo, a 220 metros, quantas flechas quizesse, sem que nenhuma lhe falhasse.

A's flechas despedidas pelo arco era imprimida tanta força, que, á distancia de 364 metros, furavam de lado a lado uma taboa de carvalho de uma pollegada d'espessura; e os archeiros mais habéis, n esta mesma distancia, metiam as suas flechas em um escudo de prata.

Na presença de Eduardo 6.^o, em 1550, um grupo enorme de magníficos archeiros apresentaram evidentes provas da força que podia dar-se a uma flecha emfennada: áquella mesma distancia, aliaz considerabilissima, estas flechas atravessavam uma porta d'igual madeira, e, sem se desviarem da linha de tiro, cravavam-se ainda do outro na terra.

Todos sabem como é dura a madeira de carvalho; pois os archeiros gauleses, a distancias bem consideraveis, furavam-na facilmente com as suas flechas, ainda que ella tivesse uma grossura de tres pollegadas.

O uso do arco teve uma voga extrema no reinado de Eduardo 3.^o e com elle ganharam os inglezes as batalhas de Crécy, Poitiers, Hamildon, Shersobury e Azincourt.

Depois da invenção das armas de fogo, ainda o arco foi por muito tempo a arma preferida, tal era a sua superioridade sobre as outras emquanto não attingiram o grau de perfeição a que depois chegaram.

Por mais destro que fosse o arcabuzeiro, não gastava menos de cinco minutos com cada tiro, ao passo que o archeiro, n'esse mesmo espaço de tempo, fazia sessenta flechetadas.

O arco foi por muito tempo o favorito divertimento nacional, e só depois d'uma luta de dois seculos foi que se deixou vencer pelas armas de fogo.

Os inglezes tinham por elle tanta predilecção, que o seu exercito só em 1627 deixou de o usar.

Antes do arco conheceu-se a funda, inventada pelos Phenícios, ou habitantes das ilhas Baleares, que com ella arremecavam projecteis de chumbo a 600 metros de distancia. Attribue-se o seu invento á necessidade de substituir por um apparelho qualquer o arremço de pedras com a mão.

Foi por muito tempo a funda uma arma de guerra, e só depois do que se deu com os Huguenotes, em 1572, foi que ella deixou de ser considerada como tal.

A sua invenção deve ter-se dado na mesma epocha da do arco.

A balestra, uma arma comparativamente moderna, quasi que só foi utilizada na Europa.

A sua inferioridade sobre o arco provou-se no Campo d'Ouro, quando Henrique 8.^o ahi lutou contra os francezes: emquanto aquelle grande atirador com as suas flechas fez proezas infinitamente admiradas pelos seus proprios adversarios, estes, os francezes, com as suas balestras nem ao menos podiam alcançar o alvo.

A balestra era, todavia, uma arma terrivel e perigosa, e causou muitas vezes a morte aos caçadores; Guilherme II foi uma das suas victimas.

Dos exercitos europeus, os que mais fama gosavam de melhores balestreiros eram os genovezes e os gascões.

Crê-se que foram os normandos os seus inventores, e que foi uma modificação da catapulta grega; como a balestra, outra arma dos gregos, foi uma combinação da funda e da balestra.

Parece que as culebrinas de mão e os arcabuzes foram as primeiras armas de fogo empregadas na caça, depois de reduzidas as suas dimensões.

D'estas armas foram diversos os seus systemas d'inflamação, como diversos foram também e muito exquisitos os seus modelos.

A principio a inflamação d'estas armas dava-se por meio de chamma, do morrão e da mecha; depois por meio da pyrite entalada no cão, a qual, sendo ferida por um tambor denticulado, despedia faiscas que iam incendiar a polvora do ouvido. A este systema, que foi inventado em Nuremberg, em 1515, e ao qual se deu o nome de *rodete*, succedeu o de *pederneira*, inventado, ao que parece, em 1630.

Foi n'esta altura que a arma de fogo portatil começou a chamar-se espingarda, nome que lhe veio de um de seus órgãos denominados *focile*, ou *fiuzil*.

Nas Chronicas de Bolonha, de 1397, faz-se menção d'uma arma portatil, d'um *sclopo*, como derivou em *sclopeto*, *escopelte* e *escopetta*.

Diz-se que a primeira arma de fogo portatil foi construída pelos italianos e holandezes em 1364; é porém de supor que ella se não applicasse á caça, por isso que só nos fins do seculo XIV é que as armas de mão, de metter á cara, começaram de fazer a sua ambicionada apparição. N'aquella epocha ainda as armas não tinham gatilho, porque só na segunda metade do seculo XV é que estes órgãos se applicaram ás espingardas.

Não é facil fixar a era das armas de vento, tão terriveis pelo seu sinistro silencio e unanimemente condemnadas por todas as nações. A sua invenção revin-

dicada pelos allemães, inglezes e holandezes, é com algum fundamento attribuida a um habitante de Liseux, que, por occasião do casamento de Henrique IX com Maria de Médicis, apresentou ao rei um apparelho d'esta natureza, como fructo do seu genio inventivo.

Outros, levando mais longe os devaneios da sua imaginação, pretendem dever-se o invento d'essa arma aos gregos do Baixo-Imperio, provavelmente por causa da sua mysteriosa analogia com as sarrabatanas, por meio das quaes era lançado sem ruido o incendio e a morte... o *fôgo greguê*.

O typo das armas de pederneira foi sem duvida fixado em Paris, por Sécleré, em 1740; até esta data as armas de dois canos tinhamos soldados um sobre o outro, de forma que o caçador, depois de disparar o primeiro tiro, via-se na necessidade de retirar a arma da cara para poder fazer rodar para o logar do cano descarregado o outro que lhe ficava por debaixo.

Depois d'esta arma, que tambem se chamava de *caçolêta*, veio a de percussão, de fulminante, que principiou a ser usada ahi por 1818 a 1825, sendo somente adoptada pelo exercito francez em 1840.

Quando os francezes adoptavam este systema, adoptavam os prussianos o systema d'agulha, d'invenção franceza, em 1808, pelo genovez Pauly, invenção que foi aproveitada pelo allemão Dreyse, para com essa arma dotar o seu paiz.

São d'origem allemã as armas de carregar pela culatra, remontando a sua invenção aos fins do seculo XV; todavia, já no seculo XIV se conheciam peças de fogo de carregar pela culatra.

Não se imagine, pois, que é moderno este systema; mesmo em Portugal já estas armas se fabricavam em 1779, na «Fabrica Real de Lisboa», d'onde sahiram exemplares perfeitissimos d'espíngardas de caça, d'um trabalho artistico hoje innegavel.

Posuimos um exemplar magnifico, d'uma caçadeira portugueza, trabalhada em Lisboa, por tres artistas differentes, que é um primor d'arte em rivalidade com as armas de luxo dos melhores artistas conhecidos.

As armas sem cães, cuja invenção a muitos parece ser moderna, são antiquissimas. No museu de Paris, e em muitos outros, figuram ao lado das armas do seculo XVI as espíngardas sem cães, com molla em espiral.

As armas de carregar pela culatra são, pois, como dissemos, muito antigas, devendo-se, contudo, o seu aperfeiçoamento aos modernos.

Uma das primeiras armas de caça conhecidas, d'este systema, pertencia a Henrique VIII, e existe na Torre de Londres, onde se guarda como uma preciosidade. Esta arma é de mecha, tem as letras H. R. e a data de 1537.

Durante os seculos XVII e XVIII, foram de variadissimos systemas as armas de carregar pela culatra e numerosissimos os exemplares usados. Na segunda metade do seculo XVI já o systema da *bascule* se usava nas armas de *rodete*, sendo os canos fixos e as coronhas moveis. As cargas eram introduzidas na coronha e não nos canos onde só começaram a introduzir-se, ao que se julga, quando veio o systema de pederneira.

Passaram por muitas e diversas phases os variados systemas de espíngardas de carregar pela culatra, systemas que foram applicados ás armas de mecha, de

rodete, de pederneira, de fulminante e d'agulha, umas vezes afastando-se a coronha do cano, outros o cano da coronha; ás vezes tombando os canos para um dos lados, outras inclinando-se para o chão.

Ao francez Lefauchaux, se deve o grande aperfeiçoamento d'estas armas, sendo em 1836 a primeira vez que nos mostrou o seu invento.

Até hoje tem soffrido diversas modificações, não se podendo ainda julgar que sobre espíngardas de caça esteja dita a ultima palavra.

Porto.

Baptista de Sá.

TIRO DAS ARMAS PORTATEIS

Não ha instrumento algum d'uma correção absoluta e com o qual não estejamos expostos a commetter erros mais ou menos graves; todavia estes erros estão sempre comprehendidos entre certos limites e sujeitos a certas leis de probabilidade.

E' d'estes limites e d'estas leis que resulta a precisão do instrumento e o grau de confiança que n'elle devemos ter.

Acontece o mesmo com o instrumento do atirador, a espíngarda ou carabina; ninguém poderá apreciar a senão pelo conhecimento da lei dos erros que lhe é peculiar.

Este conhecimento tem uma grande importancia, porque se deduzem d'elle principios racionais para regular e corrigir o tiro, fornece-nos os dados para comparar as diversas armas de fogo sob o ponto de vista da precisão, e finalmente dá-nos a noção de um dos mais importantes factores do effeito util do tiro.

A experiencia demonstra que para uma certa arma de fogo, atirando com uma carga constante e com projecteis tão identicos quanto possivel, a trajetoria varia em cada tiro; não pode pois tirarse conclusão alguma d'uma trajetoria isolada, para por ella apreciar as condições balísticas d'uma arma; mas se admitirmos que as differenças, que se produzem nas posições dos pontos feridos, dependem de causas que actuaram de um modo diverso sobre cada um dos projecteis, reconhece-se a necessidade de fazer um grande numero de tiros para que os desvios se produzam em todos os sentidos.

As trajetorias correspondentes a estes tiros formam um feixe, com a forma d'uma superficie conica recurvada, que tem o vertice na boca da arma e cuja secção n'um alvo vertical é proximamente elliptica ficando o eixo maior no sentido vertical.

A extensão da superficie em que ficam comprehendidos os tiros augmenta com a distancia do alvo, ficando os tiros mais approximados no centro e mais distantes nas extremidades, effectuando-se a distribuição segundo leis determinadas, que se estabelecem com o auxilio do calculo das probabilidades, cuja theoria e emprego exige conhecimentos mathematicos d'uma ordem superior.

O centro de figura d'aquella superficie é um ponto determinado de modo tal, que para cima e para baixo d'elle bem como para a direita e para a esquerda, haja o mesmo numero de tiros.

—A' parte da superficie conica comprehendida entre a boca da arma e o alvo dá-se o nome de *cone de dispersão*

ou de *justeza*, porque por elle se pode avaliar tanto uma como outra d'estas grandezas.

Em geral quanto mais unido é o feixe, maior é a justeza da arma.

Denomina-se *trajectoria média* a que occupa uma posição central entre todas as que constituem o feixe.

Ponto de impacte é aquelle em que qualquer tiro fere o alvo; e *ponto de impacte medio* ou simplesmente *ponto medio* aquelle em que a trajetoria media encontra o alvo.

E' a trajetoria media que serve para estabelecer as regras de tiro d'uma arma, porque é ella que expõe a menores erros.

Chama-se *grupamento* ao conjunto dos pontos de impacte de um feixe de trajetorias obtidas fazendo fogo d'uma posição determinada sobre um ponto dado.

Para a mesma arma a forma e dimensões do grupamento depende do atirador, para o mesmo atirador depende da arma e enfim para o mesmo atirador e a mesma arma depende das circunstancias exteriores.

Não attendendo a estas ultimas, pode dizer-se que cada arma tem uma maneira que lhe é peculiar de grupar os seus tiros e o mesmo se diz de cada atirador.

Desvio é o afastamento entre a trajetoria effectiva e a média. A somma dos desvios de todas as trajetorias dividida pelo seu numero dá o *desvio medio*.

PONTARIA.—Chama-se *linha de mira* a linha recta que passa pelo meio superior da ranhura de mira na alça e pela crista do ponto de mira.

Linha de tiro é o prolongamento indefinido do eixo do cano.

A pontaria d'uma arma de fogo consta de duas partes: a *inclinação* e *directão lateral*.

Para se obter a inclinação ou a directão em altura é necessario collocar a alça na gradação correspondente á distancia do alvo e dirigir para ella a linha de mira.

Para se conseguir a directão lateral colloca-se a linha de mira, a linha de tiro e o ponto que se quer ferir n'um mesmo plano vertical.

Para apontar uma arma dirige-se a linha de mira para o alvo, de modo que o vertice do ponto de mira se projecte no meio da ranhura da alça e a altura dos bordos superiores d'esta.

Este modo de apontar denomina-se *pontaria normal*, porque se emprega na determinação das regras de tiro, visto ser possivel e facil repetil-a, sem que uma pontaria diffira da outra.

Quando o ponto de mira se projecta abaixo ou acima dos bordos da ranhura da mira, a pontaria diz-se abaixo ou acima da normal. No primeiro caso o tiro é baixo ou áquem, no segundo alto ou além conforme o alvo fôr vertical ou horizontal.

(Continúa.)

Viriato.

CARREIRA DE TIRO

Na segunda feira realisaram-se na carreira de tiro de Pedrouços as seguintes experiencias com o canhão de tiro rapido de 47^{mm}, Nordenfelt, apresentado pela Sociedade Cockerill Se-raing:

2 tiros com cartucho sem bala, para mostrar o funcionamento;

Tempo gasto na substituição d'um pector;

5 tiros para apreciar a velocidade de tiro;

Desmontar e montar a culatra;

Desmontar e montar o reparo para o transporte por mulas;
Idem para o transporte por homens;
5 tiros para recommear fogo.

As experiencias deram os resultados desejados e para melhor os confirmar fizeram-se 10 tiros com bala sobre o espaldão de 600^m, obtendo-se boa justesa.

Assistiram ás experiencias S. M. El-Rei, ministro da guerra, commandante geral d'artilheria, coroneis de cavallaria 4 e de infantaria 1, directores da fabrica de canhões e da fabrica d'armas, e muitos outros officiaes d'artilheria, d'engenharia e de infantaria.

No domingo, 14 do corrente, dispararam-se 710 tiros da arma de guerra, sendo 32 os atiradores.

Nos alvos a 600^m o sr. João Ivens Ferraz, em 20 tiros, empregou 9 balas.

Nos alvos a 300^m os srs. Gil Dias, em 20 tiros, acertou 19; José Nunes dos Santos, em 20, acertou 18 e Antonio Dias Felaguiro empregou uma serie completa de 10 tiros.

Os srs. Ivens Ferraz, Nunes dos Santos e Felaguiro, são da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes e o sr. Gil Dias é da Associação dos Atiradores Civis Estrella.

CONCURSO FEDERAL DE TIRO EM 1895

EM WINTERTHUR (SUISSA)

Desde 28 de julho até 7 de agosto

REGULAMENTO DO TIRO

(Continuado do numero 6)

ARTIGO 12.º

Todas as armas são submettidas á inspecção e são selladas, pagando uma taxa de 30 centimos. As espingardas do exercito são selladas com um cordão verde, as espingardas particulares com um cordão vermelho e os revolvers com um cordão amarelo.

V

Munições

ARTIGO 13.º

Só é permitido fazer fogo com as munições regulamentares suissas.

Excepcionalmente podem os atiradores estrangeiros servir-se das munições proprias para as suas armas, se estas foram admittidas. E' prohibido carregar cartuchos no Stand do tiro.

ARTIGO 14.º

As munições serão vendidas na carreira de tiro pelos seguintes preços:

Masso de 10 cartuchos, calibre 10^{mm}, 4 — 40 centimos.

Masso de 10 cartuchos, calibre 7^{mm}, 5 — 60 centimos.

Masso de 20 cartuchos, revolver 10^{mm}, 4 e 7^{mm}, 5 — 80 centimos.

Os envolveros são propriedade da Associação e como tal mandados apanhar por sua ordem.

VI

Officinas de espingardeiro

ARTIGO 15.º

No Stand estão estabelecidas tres officinas para espingardas e carabinas e uma para revolvers e são encarregadas da sellagem, limpeza, reparação e aluguel das armas.

Estas officinas são especialmente annexas ao Stand para guardar as armas e munições que ficam á responsabilidade do seu pessoal, mediante o pagamento da respectiva tarifa. Objectos de outra natureza podem ser guardados no guarda-roupa.

A tarifa está patente no Stand.

ARTIGO 16.º

Sem licença especial da commissão de tiro ninguem pôde servir as armas aos atiradores. E' prohibido ter torno e accessorios para limpeza das armas.

VII

Prescripção de tiro

ARTIGO 17.º

O atirador apresentará o seu livro ao fiscal da linha de tiro no Stand, aberto na pagina em que deve ser marcado e carimbado o resultado do tiro.

Não é admissivel virar a pagina no meio da serie de 10 tiros para a espingarda e carabina e de 12 para o revolver.

Os tiros ao Kehr e as cartas de séries podem ser arbitrariamente feitos com espingarda ou carabina.

ARTIGO 18.º

Com espingarda ou carabina só se pôde fazer fogo deitado ou de pé. E' prohibido apontar com o talão do coice debaixo do casaco. Com o revolver far-se-ha fogo de pé, sem apoio, e sem empregar o estojo como coronha.

ARTIGO 19.º

Todo o atirador carrega a sua arma. A arma deve ser immediatamente carregada antes de cada tiro.

As armas de repetição podem ser utilizadas como armas de tiro simples; excepto no fogo de repetição e no concurso aos copos.

E' expressamente prohibido permanecer ou transitar com a arma carregada.

Todas as espingardas e carabinas, depois do serviço de cada atirador, devem ficar com a culatra aberta para serem limpas e para indicar que fizeram fogo. O revolver, fóra do Stand, só pôde ser transportado dentro do estojo.

ARTIGO 20.º

Com excepção dos alvos principaes, faz-se fogo aos alvos com armas distribuidas seguidamente pela commissão e que se acham na linha de fogo no lugar de cada atirador.

O atirador só pôde ter uma arma no Stand junto de si, que não poderá trocar nem passar a outro atirador antes de terminar o seu fogo.

Para os alvos principaes inscrever-se-hão os atiradores, antes do tiro, em um quadro que para isso se acha pendurado no Stand.

Os atiradores são responsaveis por qualquer falta desastrosa que commettam.

ARTIGO 21.º

São validos todos os tiros disparados pelo atirador ainda mesmo que sejam casuaes.

Se o atirador duvidar da regularidade da marcação, pôde participal-o á commissão do tiro, a fim de que esta mande examinar o alvo.

ARTIGO 22.º

Nos alvos principaes, os tiros de cada serie são feitos successivamente no mesmo alvo. Nos alvos *Patria-Progresso* e *Patria-Fortuna* fica livre ao atirador a escolha de fazer as suas duas séries seguidas ou intervalladas.

No *Bachtel* e no *Mörsburg* podem atirar-se duas séries successivas no *Kehr* para espingardas e carabinas 10 tiros, e nos alvos para revolver 12.

(Traduvido do allemão.)

(Continua)

JERONYMO ROLLO.

ASSOCIAÇÃO

DOS

ATIRADORES CIVIS PORTUGUEZES

Fundada em 16 de novembro de 1893

SÉDE

216, 1.º — Rua de S. Paulo — 216, 1.º

LISBOA

INSTRUÇÃO

Classes de esgrima de florete e sabre ás segundas, quartas e sextas feiras, das 8 ás 11 da noite. Classes de theoria de tiro, maneios d'espingarda e esgrima e bayoneta, terças e quintas feiras, das 8 ás 11 da noite. Classe de esgrima de florete para os filhos dos socios de 10 a 15 annos nos mesmos dias dos adultos, ás 8 horas da noite.

Quota mensal minima 300 réis, sem jola
Diploma com o retrato 500 réis
A matricula nas classes de esgrima não importa augmento de quota para o socio

Gabinete de leitura e bibliotheca

EDITOR RESPONSÁVEL

MANUEL AUGUSTO PINTO

Typ. do Commercio de Portugal—Rua Ivens, 35 a 41

A TOURADA

REVISTA TAURINA

Director e administrador—Eduardo Aguilar

Redactores, além d'outros, conta como effectivo o distincto e bem conhecido *aficionado* Romão Gomes

Preço das assignaturas

Lisboa — 10 n.ºs, 200 réis; 20 n.ºs, 400 réis.
Provincias e Açores — 10 n.ºs, 300 réis; 20 n.ºs, 500 réis.
União Postal da Europa — 20 n.ºs, 700 réis.
União Postal da America — 20 n.ºs, 18500 réis fortes.

Preço dos annuncios

3.ª pagina, 40 réis a linha; 4.ª pagina, 20 réis a linha.

Acceptam-se contractos convencionaes

Esta magnifica revista encontra-se á venda nos kiosques e abacarias do costume.

Numero avulso, 20 réis

AOS CAÇADORES



Grande Deposito de Espingardas

de 1 e 2 canos dos systemas

A PISTON e FOGO CENTRAL

CARABINAS

Colt e Winchester de 12 e 15 tiros; calibre 22, 32 e 44. CARABINAS Flobert, Merwin, Hulbert e d'outros systemas.

REVOLVERS

De diversos systemas e calibres. Legitimos revolvers americanos Smith-Wesson, Colt, Hulbert e outros.

Grande sortimento de todos os accessorios concernentes aos caçadores. Cargas para todos os systemas de revolvers e carabinas. Legitimas cargas americanas para as carabinas COLT e WINCHESTER e para os revolvers COLT e SMITH WESSON, superiores ás de fabricação ingleza.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

F. A. VENTURA

Travessa de S. Domingos, 48 a 56

LISBOA